



Do luto à luta

HOMENAGEM No adeus a Marisa, Lula busca inspiração na companheira para resistir

POR DÉBORA MELO*

Marisa Letícia despediu-se de vermelho, com um broche do PT no peito. Foi Lula, o companheiro de mais de quatro décadas, quem escolheu o vestido. O palco do adeus foi o a sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, onde o casal se conheceu em 1973.

De luto, um emocionado ex-presidente respondeu às manifestações de solidariedade com beijos e abraços. Cerca de 20 mil pessoas estiveram ali no sábado 4.

Antes de seguir para o Cemitério Jardim da Colina, Lula fez um discurso em homenagem à mulher, a loura de olhos claros a quem chamava de “galega”. Com certa tristeza, contou que a vida políti-

ca não lhe permitiu ser um pai presente, mas Marisa “segurava a barra” da família. “Às vezes eu me culpo, às vezes acho que é assim mesmo. Ela praticamente criou os filhos sozinha”, disse.

No período em que viveu no Palácio da Alvorada (2003-2010), a então primeira-dama teve uma atuação política discreta. Dentro de casa, porém, sua opinião tinha mais valor que a de qualquer conselheiro do Planalto. “A gente sentava, jantava, conversava, discutia. Ela tinha muito mais importância que os ministros. E sempre me dizia: não esqueça nunca de onde você veio e para onde você vai voltar”, contou o ex-presidente.

Lula tornou-se diretor do sindicato em 1969. Dos 48 anos de intensa vida pública, 43 foram vividos ao lado de Marisa. E

RICARDO STUCKERT/INSTITUTO LULA

O velório
da ex-primeira-dama
reuniu milhares

foi à política que o petista recorreu quando quis expressar suas ideias sobre o matrimônio. “Nós tivemos uma vida extraordinária, uma vida de muita compreensão. Eu tenho em mente que o casamento é o maior exercício de democracia que o ser humano pode fazer. É no casamento que você aprende a ceder.”

O ex-presidente disse ter orgulho da “menina que parecia frágil, mas que falava grosso e colocava medo”. Riu quando lembrou a gargalhada de Marisa ao comentar, sentada à mesa no Alvorada, como “os companheiros que trabalham na cozinha” deviam achar muito estranho uma primeira-dama querer pé de



frango para o jantar. Fez *mea-culpa* por não ter assistido ao parto dos filhos e demonstrou gratidão ao recordar a época em que Marisa se prontificou a vender camisetas e bandeiras do recém-criado PT, hoje o “partido que a direita quer destruir”.

E foi assim que, nos momentos finais de seu discurso, Lula se pôs a falar das investigações contra ele e a mulher, ré em duas ações penais da Operação Lava Jato. “Marisa morreu triste por conta da canalhice, da imbecilidade e da maldade que fizeram com ela”, disse o petista. “Que os facínoras que levantaram leviandades contra a Marisa tenham, um dia, a humildade de pedir desculpas a ela.”

Em sua última homenagem à mulher, o líder popular mais influente do Brasil também falou de política. E não foi o único. Dom Angélico Sândalo Bernardino conduziu a cerimônia e fez um alerta contra as reformas conduzidas pelo governo de Michel Temer. “Precisamos



Militantes do PT
fizeram vigília
no Hospital
Sírio-Libanês

estar atentos. Estamos em um sindicato memorável por suas lutas. Que a reforma trabalhista não seja contra os trabalhadores. Que a reforma da Previdência não seja contra os pobres e os assalariados”, disse o bispo emérito de Blumenau (SC).

Muitos que ali estavam veem em Lula a principal opção para 2018. No dia 30 de janeiro, na primeira aparição pública após a internação de Marisa, o ex-presidente, em um desabafo, sinalizou que não pretende descansar tão cedo. “A pressão e a tensão fazem as pessoas chegarem ao ponto que a Marisa chegou. Mas isso não vai me deixar chorando pelos cantos. Vai ficar apenas batendo na minha cabeça, como mais uma razão para que a luta continue”, disse na ocasião.

Cinco dias depois, em meio à multidão que homenageava a ex-primeira-dama

Lula: “**Marisa** morreu triste com a **canalhice** que fizeram com ela”

no salão do sindicato, o presidente nacional do PT, Rui Falcão, pediu a palavra para desejar força a Lula e lembrá-lo da promessa. “Ele vai nos liderar nas lutas que vem travando por um Brasil mais justo. Eu sei que todo o povo brasileiro, não só os militantes do PT, querem que você continue a sua luta.” Para acordar o povo brasileiro de sua inércia ante os ataques aos direitos sociais e trabalhistas, a

atuação de Lula não deve se restringir ao luto (*leia o editorial à página 12*).

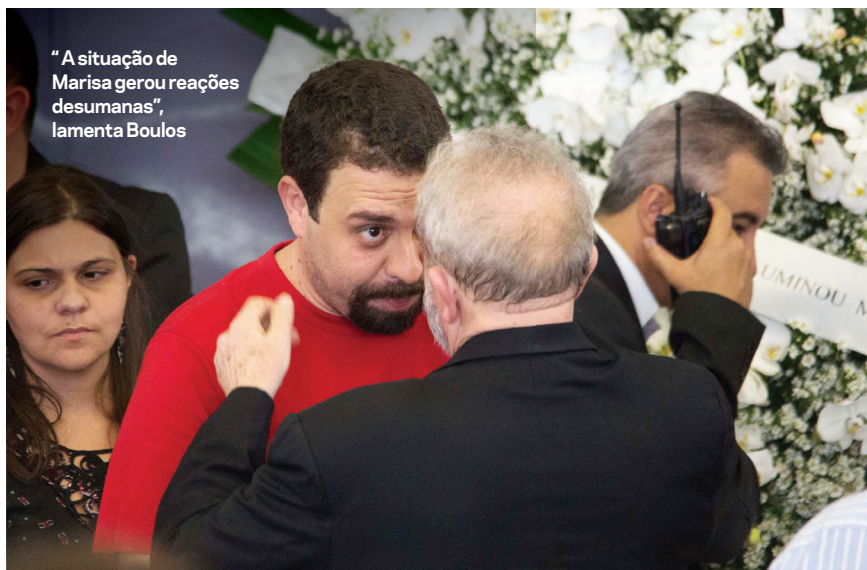
Em meio a tantos retrocessos, lideranças do campo progressista parecem voltar a se organizar. À reportagem de *CartaCapital*, a deputada federal Luiza Erundina (PSOL-SP) disse que Marisa Leticia é uma referência para a luta das mulheres. Sua morte, diz, pode unir a esquerda em torno de um projeto comum.

Uma das fundadoras do PT, Erundina deixou o partido em 1997 e recentemente foi alvo de críticas da militância petista por ter lançado candidatura própria à Prefeitura São Paulo, quando o então prefeito Fernando Haddad (PT) tentava se reeleger. “Independentemente das diferenças que eventualmente possam nos separar, há algo muito mais forte que nos une, que é o amor pela construção de uma nação mais justa, mais

NELSON ALMEIDA/AFR. NELSON ANTOINE/
AGIFIAFFÉ PAULO LOPES/FUTURA PRESS



"O que nos une é o amor pela construção de uma nação mais justa", disse Erundina



"A situação de Marisa gerou reações desumanas", lamenta Boulos

fraterna e mais democrática, combatendo o ódio, a discriminação e o preconceito", disse a deputada.

Para o deputado federal Vicentinho (PT-SP), é hora de transformar a dor em força. "A Marisa nos representou em 1980, quando organizou as mulheres para serem solidárias à nossa greve", disse o petista, recordando a marcha em defesa dos sindicalistas presos no Departamento de Ordem Política e Social (Dops), órgão do aparato repressivo da ditadura. "E a Ma-

risa nos representa agora, ao juntar aqui tanta gente, a nossa militância. Reencontrei companheiros das greves de 79, de 80. Companheiros que estavam nos seus cantos e agora se reanimam para a luta."

A dor da perda preocupa, no entanto, aqueles que estão próximos a Lula. "É preciso desejar muita força ao Lula, porque o ataque continua e, em meio a isso, ele tem uma perda tão dolorosa como essa", disse Guilherme Boulos, líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).

"Essa morte deixa também um sim-

bolismo. A situação de dona Marisa em seus momentos finais gerou reações desumanas. Médicos desejando a morte ou divulgando exames, gente fazendo os comentários mais atrozes nas redes sociais. Isso deve nos levar a uma reflexão: para onde vai isso tudo?", questionou Boulos.

Reportagem publicada pelo jornal *O Globo* em 2 de fevereiro revelou que, horas após Marisa dar entrada no Hospital Sírio-Libanês, em 24 de janeiro, a médica reumatologista Gabriela Munhoz compartilhou com terceiros informações sigilosas a respeito do diagnóstico da ex-primeira-dama, internada por conta de um Acidente Vascular Cerebral (AVC).

As informações foram enviadas por mensagens de celular a um grupo de antigos colegas de faculdade. A troca de mensagens entre os médicos, reproduzida pelo jornal, é assustadora. Ao saber que Marisa passaria por um procedimento, o neurocirurgião Richam Faissal Ellakkis disse aos amigos que faria diferente. "Esses fdp vão embolizar ainda por cima. Tem que romper no procedimento. Daí já abre pupila. E o capeta abraça ela", escreveu.

Ellakkis prestava serviços no hospital da Unimed São Roque e foi demitido, assim como Gabriela Munhoz, que não integra mais o quadro de funcionários do Sírio-Libanês. O Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) abriu sindicância para apurar se houve violação ao Código de Ética. O vazamento à imprensa de uma tomografia feita por Marisa no hospital Assunção, em São Bernardo do Campo, também é investigado.

O discurso de ódio, muitas vezes restrito às mensagens privadas e às redes sociais, ultrapassou a barreira virtual e se materializou na voz de mulheres que, no dia seguinte ao AVC de Marisa, se dispuseram a ir até a porta do hospital. Nos cartazes que exibiam, a imagem de um Lula presidiário e críticas à internação no Sírio-Libanês: "Vá para o



Seu País

SUS”, dizia um; “Cadê os médicos cubanos?”, questionava outro.

A falta de humanidade atingia o seu ápice. A fim de evitar novas demonstrações de ódio, a militância do PT mobilizou-se e ocupou a entrada do hospital no dia 2 de fevereiro. Na manhã daquela quinta-feira, a equipe médica havia constatado a morte cerebral da paciente e a família autorizou o início dos procedimentos de doação de órgãos. O grupo, formado por cerca de 20 pessoas, fez orações e colocou flores em frente ao hospital.

“A dona Marisa fez parte da construção do Partido dos Trabalhadores. Não aceitamos desrespeito em momento algum, principalmente em um momento como este. Provocadores já estiveram aqui, é inaceitável”, disse João de Oliveira, ex-secretário da CUT São Paulo. “Estamos aqui para dar carinho e conforto ao Lula, o nosso líder. Sabemos que essa questão emocional pode afetá-lo, mas ele é o nosso candidato para 2018.”

A confirmação da morte de Marisa levou quase dois dias, encerrada somente às 18h57 do dia 3 de fevereiro. No Sírio-Libanês, o ex-presidente recebeu condolências de amigos e autoridades e a visita de Fernando Henrique Cardoso. Em meio ao triunfo da intolerância, uma foto em que os adversários aparecem abraçados inundou as redes sociais, um alento em tempos de ódio e pouco diálogo. Com a visita, FHC retribuía o gesto de 2008 do então presidente Lula, que prestou condolências ao tucano pela morte da ex-primeira-dama Ruth Cardoso.

Naquele mesmo dia, à noite, o petista também recebeu a visita de Michel Temer. A comitiva, que trazia ministros e figurões do PMDB, foi recebida no Sírio-Libanês pela militância petista aos gritos de “golpistas” e “assassinos”. Lula aceitou o gesto.

A postura republicana do ex-presidente não é exemplo para seus seguidores. Na quarta-feira 8, o juiz fede-



Guerreira.

Desde 1980, quando liderou uma marcha contra a prisão de sindicalistas, Marisa teve papel central na trajetória do PT

A homenagem favoreceu a reaproximação de lideranças de esquerda

ral Sergio Moro negou pedido da defesa de Lula para adiar em 15 dias as audiências relativas ao processo do célebre triplex no Guarujá. A sanha punitivista de Moro não se justifica: o próprio Ministério Público Federal afirma não ter provas cabais de que Lula é o proprietário.

As audiências foram mantidas e serão realizadas nas próximas duas semanas. Segundo Moro, apesar do “trágico e la-

mentável” acontecimento, falta “amparo legal” para a suspensão do processo.

A dor extrema do luto não tem impedido o ex-presidente de prestar belas homenagens à mulher, como fez ao lado de seu caixão. Na coroa de flores que encomendou, uma última declaração à “Galega”: “Agora o céu ganha a estrela que iluminou minha vida”.

Dirigindo-se à multidão que acompanhava o velório, o petista voltou a emitir sinais de que a luta continua.

“Vou agradecer à Marisa até o dia em que eu não puder mais, até o dia em que eu morrer. Eu espero me encontrar com ela com este mesmo vestido que eu escolhi, para mostrar que a gente não tem medo de vestir vermelho.” •

**Colaborou Ingrid Matuoka*